Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

OPEN ACCESS

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32432

O LUTO INFANTIL NA PANDEMIA DE COVID-19: IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM CRIANÇAS DE 5 A 12 ANOS NO BRASIL

CHILDHOOD GRIEF DURING THE COVID-19 PANDEMIC: PSYCHOSOCIAL IMPACTS ON CHILDREN AGED 5 TO 12 IN BRAZIL

EL DUELO INFANTIL DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19: IMPACTOS PSICOSOCIALES EN NIÑOS DE 5 A 12 AÑOS EN BRASIL

Anna Rayra dos Santos Lonkouski[1]
Ailton Dias dos Reis[2]
Regina Lúcia de Oliveira Prudente[3]

RESUMO: Este artigo teve como objetivo compreender, por meio de revisão narrativa da literatura, os impactos psicossociais do luto em crianças de 5 a 12 anos no Brasil durante a pandemia de COVID-19, considerando a perda de pais ou outros cuidadores e as alterações nos vínculos socioafetivos. Adotou-se abordagem qualitativa, com levantamento de publicações na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, complementado por obras teóricas e documentos institucionais. Seis artigos publicados entre 2021 e 2026 compuseram o conjunto principal de análise. A comparação foi organizada em três eixos: compreensão da morte e luto infantil; orfandade e perda de cuidadores; e ruptura de vínculos, rituais e estratégias de apoio. A literatura examinada discute possíveis manifestações emocionais e comportamentais do luto, mudanças na organização familiar e restrições à convivência e às despedidas. As repercussões discutidas variam conforme o desenvolvimento, os vínculos anteriores e a disponibilidade de redes de apoio. Conclui-se que o luto infantil nesse contexto exige compreensão situada, sem generalizações para todas as crianças. Evidencia-se a necessidade de pesquisas com participação direta de crianças enlutadas.

Palavras-chave: Luto infantil. COVID-19. Orfandade.

ABSTRACT: This article aimed to understand, through a narrative literature review, the psychosocial impacts of grief among children aged 5 to 12 in Brazil during the COVID-19 pandemic, considering the loss of parents or other caregivers and changes in socio-affective bonds. A qualitative approach was adopted, drawing on publications located through the Virtual Health Library (VHL), SciELO, PePSIC, and Google Scholar, supplemented by theoretical works and institutional documents. Six articles published between 2021 and 2026 formed the core of the analysis. The comparison followed three themes: understanding death and childhood grief; orphanhood and caregiver loss; and disruption of bonds, farewell rituals, and support strategies. The reviewed literature discusses possible emotional and behavioral manifestations of grief, changes in family organization, and restrictions on social contact and farewell rituals. The repercussions discussed vary according to developmental stage, previous relationships, and the availability of support networks. The review concludes that childhood grief in this context requires a contextualized understanding without generalizing findings to all children. Further studies directly involving bereaved children are needed.

[1] Graduanda em Psicologia. Centro Universitário UNIVEL – Cascavel, Paraná, Brasil.
[2] Graduando em Psicologia. Centro Universitário UNIVEL – Cascavel, Paraná, Brasil.
[3] Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar; especialista em Cuidados Paliativos. Orientadora. Centro Universitário UNIVEL – Cascavel, Paraná, Brasil.

Keywords: Childhood grief. COVID-19. Orphanhood.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo comprender, mediante una revisión narrativa de la literatura, los impactos psicosociales del duelo en niños de 5 a 12 años en Brasil durante la pandemia de COVID-19, considerando la pérdida de padres u otros cuidadores y los cambios en los vínculos socioafectivos. Se adoptó un enfoque cualitativo y se consultaron publicaciones en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), SciELO, PePSIC y Google Académico, además de obras teóricas y documentos institucionales. Seis artículos publicados entre 2021 y 2026 conformaron el conjunto principal del análisis. La comparación se organizó en tres ejes: comprensión de la muerte y duelo infantil; orfandad y pérdida de cuidadores; y ruptura de vínculos, rituales de despedida y estrategias de apoyo. La literatura examinada analiza posibles manifestaciones emocionales y conductuales del duelo, cambios en la organización familiar y restricciones a la convivencia y las despedidas. Las repercusiones discutidas varían según el desarrollo, los vínculos previos y la disponibilidad de redes de apoyo. Se concluye que el duelo infantil en este contexto requiere una comprensión situada, sin generalizaciones para todos los niños. Se necesitan investigaciones con participación directa de niños en duelo.

Palabras clave: Duelo infantil. COVID-19. Orfandad.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 produziu expressivos impactos sanitários e sociais no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, até 7 de maio de 2022, haviam sido confirmados 664.126 óbitos pela doença no país (Brasil, 2022). Para além da dimensão epidemiológica, essas mortes repercutiram nas relações familiares, especialmente quando crianças perderam pais ou outras pessoas responsáveis por seus cuidados. Reportagem da revista Pesquisa FAPESP apresentou estimativa de mais de 113 mil brasileiros de até 18 anos que haviam perdido a mãe, o pai ou ambos entre março de 2020 e abril de 2021, ressaltando também as perdas de avós e de outros cuidadores em estimativas mais amplas (Queiroz, 2021). Esses grupos não são equivalentes: a perda de um ou ambos os pais caracteriza a orfandade, ao passo que a morte de outro cuidador significativo também pode representar uma ruptura importante na organização familiar. O Instituto Alana (2022) discute as consequências sociais da pandemia para crianças e adolescentes, indicando a necessidade de considerar desigualdades e redes de proteção nesse contexto.

O luto infantil constitui uma experiência singular diante de uma perda significativa. A teoria do apego de Bowlby (2004) ajuda a compreender a importância dos vínculos e das reações à separação, mas não autoriza afirmar que todas as crianças passarão por fases fixas de protesto, desespero e reorganização. As manifestações de sofrimento podem variar de acordo com a idade, a relação com a pessoa falecida, as condições em que ocorreu a morte e a disponibilidade de apoio. Na pandemia, restrições de convivência e de despedida acrescentaram circunstâncias que precisam ser consideradas, sem pressupor que produziram o mesmo efeito em todas as crianças (Schmidt et al., 2023).

A compreensão da morte também se relaciona ao desenvolvimento cognitivo. Noções como irreversibilidade, entendida como a impossibilidade de retorno à vida; universalidade, referente ao fato de que todos os seres vivos morrem; e não funcionalidade, relacionada à interrupção das funções vitais, são construídas progressivamente e não de modo idêntico em crianças da mesma idade (Alencar et al., 2022). Piaget (2007) oferece um referencial para pensar mudanças na organização do pensamento infantil, mas a compreensão da morte também depende de experiências, crenças, vínculos e explicações recebidas. O conhecido modelo de Kübler-Ross (2008) foi formulado originalmente no contexto de pessoas diante do próprio morrer e não deve ser aplicado como sequência universal do luto infantil.

Franco (2021) contribui para compreender o luto como experiência multidimensional, atravessada por aspectos psíquicos, sociais, culturais e relacionais. Na infância, os vínculos com a pessoa falecida e as possibilidades de conversar sobre a perda evidenciam a relevância das relações familiares, escolares e comunitárias. Assim, a pandemia requer uma leitura que considere tanto a morte de pessoas significativas quanto as mudanças nas condições de convivência e cuidado (Franco; Mazorra, 2007; Camargo; Fernandes, 2023).

Embora existam produções sobre o luto e os efeitos da pandemia, os materiais reunidos não investigam de maneira uniforme crianças brasileiras de 5 a 12 anos que perderam pais ou cuidadores. Parte da literatura analisa faixas etárias mais amplas, revisões bibliográficas ou experiências de familiares adultos. Essa diferença deixa uma lacuna importante quanto ao que se pode afirmar especificamente sobre a experiência infantil nessa faixa etária. Diante disso, a pergunta norteadora é: quais impactos psicossociais do luto em crianças de 5 a 12 anos, no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil, são discutidos na literatura, considerando a perda de cuidadores e a ruptura dos vínculos socioafetivos? O objetivo é compreender criticamente essas contribuições, distinguindo os resultados relatados pelos estudos das possibilidades e interpretações que apresentam.

2 MÉTODOS

2.1 Tipo de pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. A abordagem qualitativa orienta a interpretação das produções selecionadas, enquanto a revisão narrativa constitui o

procedimento utilizado para reunir e discutir conhecimentos sobre os impactos psicossociais do luto infantil na pandemia de COVID-19.

Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite examinar significados, relações e contextos envolvidos nas experiências humanas. A pesquisa bibliográfica utiliza material já publicado, principalmente livros e artigos científicos (Gil, 2002). Nesse sentido, o trabalho analisa publicações existentes; não houve coleta direta de dados com crianças ou famílias pelos autores desta revisão.

A opção por uma revisão narrativa permite articular estudos de diferentes delineamentos e contribuições teóricas pertinentes ao problema investigado, sem pretensão de exaustividade nem adoção de um protocolo de revisão sistemática. Para manter a consistência da análise, os resultados provenientes de pesquisas com participantes foram distinguidos das sínteses bibliográficas, reflexões clínicas e interpretações teóricas.

2.2 Tipo de revisão e levantamento da literatura

O levantamento bibliográfico contemplou a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a Scientific Electronic Library Online (SciELO), os Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e o Google Acadêmico, utilizado como mecanismo complementar de localização de publicações. Foram também consultadas obras de referência sobre luto e desenvolvimento infantil e documentos institucionais para caracterização do cenário brasileiro. Os seis artigos selecionados para a discussão principal estão identificados na seção “Organização e análise do material” e caracterizados na Tabela 1, apresentada em “Resultados e Discussão”.

Foram considerados no levantamento bibliográfico os seguintes termos: “luto infantil”, “orfandade”, “pandemia”, “COVID-19”, “infância”, “perda de cuidadores”, “vínculos socioafetivos”, “desenvolvimento infantil” e “impactos psicossociais”. A documentação disponível não permite recuperar as combinações exatas dos termos em cada base, nem quantificar os registros identificados; por essa razão, esses dados não são apresentados como resultados da busca.

2.3 Critérios de inclusão e exclusão

Para compor o conjunto principal da revisão, foram priorizados artigos publicados entre 2020 e 2026, em língua portuguesa, relacionados ao luto infantil, à perda parental ou de cuidadores e às experiências psicossociais vinculadas à pandemia de COVID-19. Foram

considerados especialmente os estudos que abordavam crianças de 5 a 12 anos e o contexto brasileiro. Como a produção diretamente voltada a essa população se mostrou limitada no material reunido, foram mantidos artigos de revisão sobre crianças e adolescentes e produções de contextualização sobre o luto familiar na pandemia. Tais publicações não foram tratadas como evidência direta de experiências de crianças de 5 a 12 anos. Obras clássicas anteriores a 2020 e documentos institucionais foram utilizados apenas como fundamentação conceitual ou contextual, não como integrantes dos seis artigos centrais.

Foram desconsiderados materiais duplicados, textos sem relação com a pergunta de pesquisa e publicações cujo conteúdo não permitisse avaliar sua contribuição para o tema. Estudos centrados exclusivamente em adultos não foram utilizados para sustentar conclusões sobre reações infantis; a metassíntese de Sola et al. (2023) foi preservada somente para contextualizar as condições de luto familiar e as restrições aos rituais de despedida durante a pandemia.

A análise do material incluiu a avaliação inicial da pertinência de títulos e resumos, seguida da leitura dos textos selecionados para identificar objetivo, delineamento, participantes ou população focalizada, principais achados, recomendações e limites. A seleção foi guiada pela relação de cada publicação com a pergunta norteadora, e não por uma pretensão de representar estatisticamente a produção nacional.

2.4 Organização e análise do material

O conjunto principal de análise foi composto por seis artigos: Camargo e Fernandes (2023), Campana e Casella (2021), Campos et al. (2023), Evangelista et al. (2026), Schmidt et al. (2023) e Sola et al. (2023). Esses trabalhos não têm o mesmo delineamento: Camargo e Fernandes desenvolveram pesquisa qualitativa com 19 crianças de 9 a 11 anos; Campana e Casella discutiram vinhetas clínicas; Campos et al., Evangelista et al. e Schmidt et al. apresentaram estudos bibliográficos ou de revisão; e Sola et al. realizaram uma metassíntese de pesquisas qualitativas sobre luto familiar. Por isso, emprega-se a expressão “conjunto principal de artigos”, e não “núcleo empírico”.

As publicações foram organizadas em uma tabela de síntese, com autoria, delineamento, público ou objeto de estudo e contribuições, acompanhadas dos respectivos limites de aplicação. A comparação considerou três dimensões principais: (a) manifestações e compreensão da morte na infância; (b) perda parental, mudanças familiares e fatores de vulnerabilidade ou proteção; e

(c) alterações da convivência, rituais de despedida e possibilidades de apoio. A leitura transversal desses elementos permitiu identificar aproximações e diferenças entre as publicações e reuni-las em três eixos temáticos. Os referenciais clássicos, a obra de Franco (2021) e o estudo de Alencar et al. (2022) foram utilizados de modo complementar, para esclarecer conceitos e o desenvolvimento da compreensão da morte, sem serem apresentados como resultados específicos de luto infantil por COVID-19.

A interpretação considerou a população efetivamente investigada em cada fonte. Assim, os relatos de crianças de 9 a 11 anos em Camargo e Fernandes (2023) representam evidência direta sobre experiências infantis na pandemia, embora não sejam exclusivamente relatos de orfandade. As demais revisões e discussões clínicas oferecem contribuições indiretas ou reflexivas; por sua vez, o estudo de Sola et al. (2023), voltado ao luto familiar, não fornece evidências diretas sobre crianças. Essas diferenças delimitam o alcance das conclusões desta revisão narrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão apresenta primeiro os referenciais que orientam a compreensão do luto infantil e, depois, a comparação dos seis artigos principais em três eixos temáticos. Em cada eixo, buscou-se diferenciar achados de estudos com participantes, interpretações de revisões e recomendações de cuidado, evitando atribuir a todos os materiais o mesmo peso ou alcance.

Tabela 1 – Caracterização e limites dos seis artigos da revisão narrativa

Artigo e delineamento	Público/objeto	Contribuição e limite
Camargo e Fernandes (2023) Pesquisa qualitativa	19 crianças de 9 a 11 anos	Nove relataram experiências de morte ou luto; não houve análise específica da orfandade nem avaliação de intervenção.
Campana e Casella (2021) Estudo teórico-clínico	Crianças, adolescentes, famílias	Vinhetas sobre mudanças durante a pandemia e desafios do atendimento remoto; sem teste de eficácia.
Campos et al. (2023) Revisão de literatura	Luto infantil na pandemia	Descreve manifestações possíveis e a importância dos responsáveis; sem amostra infantil própria.
Evangelista et al. (2026) Pesquisa bibliográfica	Orfandade pela COVID-19	Discute sofrimento e riscos à socialização e à identidade; não mensura efeitos em amostra própria.
Schmidt et al. (2023) Revisão narrativa	Crianças, adolescentes e famílias	Discute fatores relacionais e possíveis repercussões da perda parental; sem resultados universais.
Sola et al. (2023) Metassíntese qualitativa	Familiares enlutados	Contextualiza restrições aos rituais e visitas; não demonstra impactos específicos em crianças.

Fonte: Elaboração dos autores (2026), a partir dos seis artigos analisados.

3.1 Concepções teóricas sobre o luto infantil

O luto pode ser compreendido como um processo que envolve respostas e adaptações diante de uma perda significativa. Sua expressão não segue uma forma única ou obrigatória e deve ser situada na história da pessoa, na qualidade dos vínculos e nas condições de apoio disponíveis (Franco, 2021). Na infância, essa perspectiva exige atenção à maneira como a criança compreende a morte e encontra possibilidades de expressar o sofrimento.

Freud (2010), em texto originalmente publicado em 1917, aborda o trabalho psíquico implicado na perda de um objeto amado, oferecendo uma contribuição geral à compreensão do luto. Bowlby (2004) destaca a importância dos vínculos de apego e das reações à separação, contribuição especialmente pertinente quando a criança perde uma figura de referência. Worden (2018) descreve tarefas de adaptação ao luto, úteis como possibilidades de compreensão e cuidado, não como etapas obrigatórias. Kübler-Ross (2008) descreveu reações observadas originalmente em pessoas diante da própria morte; seu modelo não deve ser transferido automaticamente para crianças enlutadas.

Essas perspectivas oferecem contribuições complementares, mas não equivalentes: Freud enfatiza o trabalho psíquico da perda; Bowlby, os vínculos; Worden, o processo de adaptação; e Kübler-Ross, certas reações descritas em outro contexto clínico. Para o problema deste estudo, elas funcionam como referências teóricas, e não como prova de que toda criança apresentará as mesmas reações. A discussão sobre manifestações infantis é aprofundada a partir das publicações específicas analisadas.

Franco (2021) amplia essa compreensão ao abordar dimensões emocionais, cognitivas, físicas, sociais e culturais do luto. Seu enfoque ajuda a situar a perda nas relações vividas pela criança, sem reduzi-la a uma reação individual. Franco e Mazorra (2007), por sua vez, oferecem uma contribuição especificamente voltada à experiência da criança diante da morte de um genitor.

Nesse quadro, convém distinguir a dor decorrente da morte, as mudanças relacionadas à perda de pais ou cuidadores e a interrupção de espaços de convivência. A importância de cada dimensão pode variar de uma criança para outra, conforme o vínculo com a pessoa falecida e a presença de adultos que ofereçam cuidado e informações adequadas.

As manifestações infantis do luto podem incluir tristeza, irritabilidade, alterações de comportamento ou dificuldades para expressar em palavras o que aconteceu. Campos et al. (2023), em sua revisão de literatura, reúnem produções sobre essas manifestações e destacam a

participação dos responsáveis no acolhimento. Já Camargo e Fernandes (2023) apresentam relatos de crianças que vivenciaram perdas na pandemia, permitindo observar diretamente a presença de experiências de morte e luto no cotidiano das crianças investigadas.

A compreensão infantil da morte envolve dimensões que não se esgotam na idade cronológica. Alencar et al. (2022), em entrevistas com crianças hospitalizadas de 7 a 12 anos, identificaram compreensões que articulam aspectos biológicos, emocionais, socioculturais e espirituais. Esse estudo não investigou especificamente o luto por mortes na pandemia, sendo utilizado aqui como apoio para discutir o desenvolvimento da noção de morte.

Entre os aspectos do conceito de morte estão a irreversibilidade, isto é, a compreensão de que a pessoa morta não retorna à vida; a universalidade, segundo a qual todos os seres vivos morrem; e a não funcionalidade, referente ao término das funções vitais (Alencar et al., 2022). O referencial de Piaget (2007) contribui para compreender mudanças no pensamento infantil, mas não determina uma idade fixa para a aquisição desses conceitos. Crenças, experiências anteriores, explicações dos adultos e condições de desenvolvimento também participam dessa compreensão.

Nesta revisão, luto designa o processo relacionado à experiência da perda; orfandade refere-se à morte de um ou ambos os pais; a expressão "perda de cuidadores" é mais abrangente e pode se referir também à morte de avós ou de outras figuras responsáveis pelos cuidados; e ruptura de vínculos socioafetivos diz respeito a mudanças ou interrupções de relações e espaços importantes, inclusive sem ocorrência de morte. A separação desses conceitos orienta a análise dos três eixos, evitando atribuir à orfandade todas as perdas e mudanças vividas pelas crianças durante a pandemia.

3.2 Resultados da literatura: eixos emergentes

3.2.1 Luto infantil e compreensão da morte na infância

Este eixo reúne contribuições sobre a maneira como a morte pode ser compreendida e expressa na infância. O recorte de 5 a 12 anos abrange mudanças importantes no desenvolvimento, mas não constitui um grupo homogêneo. A análise exige, portanto, distinguir aquilo que foi observado diretamente nas crianças do que foi sintetizado ou proposto por outros autores.

Camargo e Fernandes (2023) ouviram 19 crianças de 9 a 11 anos de uma escola pública sobre seu cotidiano durante a pandemia. Nove participantes relataram experiências de morte e

luto, incluindo perdas de familiares e pessoas próximas. Trata-se do estudo do conjunto principal que apresenta diretamente narrativas de crianças da faixa etária delimitada, embora o estudo não tenha sido direcionado exclusivamente à orfandade. Em outra modalidade de produção, Campos et al. (2023) revisaram a literatura sobre luto infantil e descreveram possíveis manifestações emocionais e comportamentais, bem como a relevância dos responsáveis no processo. Dessa forma, os relatos de Camargo e Fernandes e a síntese de Campos et al. dialogam, mas constituem tipos distintos de evidência.

Schmidt et al. (2023), em revisão narrativa sobre perda de figuras parentais, discutem a variação das respostas ao luto conforme os vínculos, os recursos familiares e a etapa do desenvolvimento. Evangelista et al. (2026), em pesquisa bibliográfica, discutem sentimentos como tristeza e desamparo e riscos de alterações comportamentais; essas formulações representam uma síntese de literatura, e não observações produzidas diretamente pelos autores com crianças. Como apoio conceitual, Alencar et al. (2022) mostram que crianças de 7 a 12 anos podem construir compreensões multidimensionais da morte, sem investigar especificamente a COVID-19. Sola et al. (2023), por sua vez, sintetizam pesquisas de luto familiar durante a pandemia e contribuem apenas para caracterizar as restrições de visita e despedida no contexto em que muitas perdas ocorreram.

A comparação dessas publicações sugere que a compreensão e a expressão da perda não dependem apenas da ocorrência da morte. Os relatos infantis de Camargo e Fernandes (2023) mostram a diversidade de experiências no cotidiano; as revisões de Campos et al. (2023) e Schmidt et al. (2023) ajudam a interpretar possíveis manifestações e fatores associados; e os estudos complementares auxiliam a delimitar o contexto e os conceitos. Não é possível, com esse conjunto de fontes, estimar a frequência de manifestações do luto entre crianças brasileiras de 5 a 12 anos ou afirmar que todas viveram sofrimento intenso, culpa ou silenciamento adulto.

3.2.2 Orfandade, perda de cuidadores e impactos no desenvolvimento

A orfandade corresponde à morte de um ou ambos os pais. A perda de avós ou de outros cuidadores também pode ser significativa para a criança, mas deve ser designada de modo mais abrangente como perda de cuidadores. Ambas podem desencadear processos de luto e mudanças na organização familiar, sem que suas consequências sejam automaticamente idênticas. Esse cuidado conceitual permite discutir a situação das crianças que perderam figuras de referência durante a pandemia sem reunir experiências diferentes sob uma única categoria.

Schmidt et al. (2023), com base em revisão narrativa, discutem possíveis implicações da perda parental para a criança e o sistema familiar. Os autores destacam que os riscos ao desenvolvimento dependem de fatores como a relação com a pessoa falecida, o vínculo com o cuidador sobrevivente, a rede socioafetiva, as circunstâncias da morte e aspectos culturais. Evangelista et al. (2026), em pesquisa bibliográfica exploratória, sintetizam possíveis repercussões emocionais e discutem dificuldades de socialização e de constituição da identidade. Essas últimas afirmações devem ser entendidas como formulações da revisão bibliográfica, e não como resultados medidos diretamente em uma amostra de crianças órfãs.

O estudo de Camargo e Fernandes (2023) contribui com um contraponto importante: as crianças investigadas descreveram experiências diversas de convivência familiar e vulnerabilidade social na pandemia, e algumas relataram perdas, mas o trabalho não isolou os efeitos da orfandade. Campana e Casella (2021), por meio de vinhetas clínicas e discussão teórica, examinaram desafios enfrentados por crianças, adolescentes, famílias e profissionais, incluindo a adaptação ao atendimento remoto. Assim, embora tratem de dimensões relacionadas, as publicações apresentam populações e métodos distintos, o que impede comparar diretamente a intensidade dos efeitos descritos.

A síntese deste eixo aponta para a importância de considerar a reorganização do cuidado depois da morte, e não apenas as reações emocionais imediatas. A disponibilidade do cuidador sobrevivente, a qualidade da comunicação familiar e a presença de redes de apoio aparecem nas revisões como possíveis fatores de proteção (Schmidt et al., 2023; Evangelista et al., 2026). Por outro lado, desamparo, mudanças de rotina e dificuldades relacionais são discutidos como riscos ou possibilidades, não como consequências inevitáveis. Os estudos reunidos não oferecem dados longitudinais próprios suficientes para determinar como essas condições repercutiram, ao longo do tempo, em todas as crianças brasileiras de 5 a 12 anos.

3.2.3 Ruptura de vínculos socioafetivos, ausência de rituais e estratégias de apoio

O terceiro eixo examina como a redução da convivência e as restrições aos rituais de despedida se relacionam ao contexto do luto. Também reúne as possibilidades de apoio discutidas nos artigos, distinguindo recomendações profissionais de intervenções cuja eficácia tenha sido efetivamente avaliada.

Durante a pandemia, o fechamento de escolas e a redução de encontros presenciais alteraram espaços de aprendizagem, convivência e apoio. Essas mudanças alcançaram crianças

que perderam familiares e também aquelas que não vivenciaram morte parental. Portanto, a ruptura de vínculos socioafetivos não é sinônimo de orfandade ou luto, embora possa modificar as condições em que a perda é vivida (Instituto Alana, 2022; Camargo; Fernandes, 2023).

Campana e Casella (2021) discutem, a partir de vinhetas clínicas, os desafios do teleatendimento e das mudanças que atingiram crianças, adolescentes, famílias e escolas, sem apresentar avaliação de eficácia de uma intervenção padronizada. Camargo e Fernandes (2023) registraram, nas falas de crianças, experiências distintas no ambiente familiar, incluindo aproximações, conflitos e vulnerabilidades. Já Sola et al. (2023) sintetizaram estudos qualitativos sobre luto familiar e associaram restrições às visitas, comunicação mediada por tecnologias e alterações nos rituais fúnebres a experiências de solidão e desamparo. Como não se trata de investigação direta com crianças de 5 a 12 anos, essa metassíntese ajuda a caracterizar o contexto, mas não permite atribuir as mesmas reações às crianças.

Entre as possibilidades de cuidado, Schmidt et al. (2023) discutem coesão familiar, flexibilidade, comunicação e apoio social como aspectos relevantes para o acompanhamento sistêmico de famílias enlutadas. Campos et al. (2023) e Evangelista et al. (2026) recomendam a presença e o acolhimento dos responsáveis, além de atenção psicológica quando necessária. Essas recomendações são compatíveis com as necessidades descritas na literatura, mas o conjunto de trabalhos selecionados não inclui ensaios ou avaliações comparativas capazes de demonstrar a eficácia específica dessas estratégias para crianças brasileiras órfãs da COVID-19.

A articulação entre família, escola, serviços de saúde e rede de proteção pode ser proposta, com base nesta revisão, como uma diretriz de cuidado contextualizada. Essa diretriz decorre da interpretação dos autores desta revisão sobre as necessidades e recomendações discutidas nos estudos. Não corresponde a um programa de intervenção cuja efetividade tenha sido testada pelo conjunto de artigos analisado.

A literatura reunida indica que as condições de apoio não são elementos acessórios ao debate sobre luto infantil. A forma como a morte é comunicada, a continuidade de relações significativas e o acesso a espaços de escuta podem influenciar a experiência de perda, de maneiras distintas, conforme a criança e sua família (Schmidt et al., 2023; Campos et al., 2023). Esse entendimento não implica afirmar que a ausência de um ritual específico produzirá necessariamente sofrimento prolongado, mas reforça a importância de considerar os recursos disponíveis no contexto de cada perda.

A distinção entre achados observados, possibilidades descritas nas revisões e propostas de apoio é fundamental para não atribuir a toda a população infantil resultados de pesquisas com recortes mais restritos.

Em síntese, os três eixos mostram que luto, orfandade e ruptura de vínculos socioafetivos são dimensões diferentes que podem se sobrepor. As publicações analisadas oferecem relatos de crianças, reflexões clínicas, revisões de literatura e uma metassíntese de luto familiar; por isso, sua contribuição é sobretudo interpretativa. Elas ajudam a identificar questões relevantes para o cuidado, mas não autorizam conclusões universais nem estabelecem relações causais entre pandemia, perda parental e desfechos específicos do desenvolvimento infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa buscou responder à pergunta sobre quais impactos psicossociais do luto em crianças de 5 a 12 anos, no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19, são discutidos na literatura, considerando a perda de cuidadores e a ruptura dos vínculos socioafetivos. Os seis artigos analisados sugerem que a experiência da perda pode envolver manifestações emocionais e comportamentais, alterações das relações familiares e mudanças nos espaços de convivência, mas que tais repercussões não são uniformes.

A principal contribuição da análise foi distinguir processos frequentemente tratados como equivalentes: o luto diz respeito à experiência da perda; a orfandade, à perda de um ou ambos os pais; e a ruptura de vínculos, às mudanças nas relações e nos espaços socioafetivos. Essas dimensões podem ocorrer juntas, mas não são equivalentes. A interpretação dos trabalhos também mostra que idade, vínculos prévios, comunicação sobre a morte e disponibilidade de cuidadores e redes de apoio são aspectos relevantes para compreender possíveis dificuldades e possibilidades de reorganização.

A literatura examinada reúne evidências de naturezas distintas. O estudo de Camargo e Fernandes (2023) apresenta relatos de crianças de 9 a 11 anos que vivenciaram a pandemia, incluindo experiências de morte e luto. As revisões de Campos et al. (2023), Schmidt et al. (2023) e Evangelista et al. (2026) oferecem sínteses e interpretações sobre repercussões possíveis. Campana e Casella (2021) acrescentam reflexões clínicas, e Sola et al. (2023) contextualizam as restrições vividas por familiares enlutados. Essa diversidade enriquece a discussão, mas impede tratar todos os textos como evidência direta de consequências observadas em crianças órfãs.

O estudo apresenta limitações importantes. O conjunto central contém apenas seis artigos, vários deles de natureza bibliográfica ou teórico-clínica e voltados a populações e faixas etárias distintas. Nos materiais selecionados, há poucos dados diretos sobre crianças brasileiras de 5 a 12 anos que perderam pais ou cuidadores em decorrência da COVID-19. Por se tratar de revisão narrativa, sem busca sistemática exaustiva, as conclusões restringem-se às fontes analisadas e não podem ser generalizadas a toda a população infantil brasileira.

Como implicações para a Psicologia, a análise sustenta a importância da atenção à singularidade do luto, da comunicação compreensível sobre a morte, do acolhimento do cuidador sobrevivente e da articulação entre família, escola, serviços de saúde e proteção social. Essas possibilidades são apresentadas como orientações e reflexões derivadas dos estudos, e não como intervenções cuja eficácia tenha sido comprovada pelos seis artigos. A disponibilidade de recursos e as necessidades de cada criança devem orientar eventuais encaminhamentos.

Pesquisas futuras podem acompanhar longitudinalmente crianças que perderam pais ou outros cuidadores, incluir suas próprias narrativas e examinar diferenças associadas à idade, às condições socioeconômicas e às redes de cuidado. Também seriam relevantes estudos que descrevam e avaliem intervenções psicológicas e escolares, permitindo distinguir recomendações gerais de práticas com resultados empiricamente investigados.

Conclui-se que, no material analisado, a compreensão dos possíveis impactos psicossociais não pode se restringir à morte de uma pessoa significativa, devendo considerar também as condições familiares e socioafetivas em que a perda é vivida. Reconhecer as diferenças entre luto, orfandade e ruptura de vínculos ajuda a formular perguntas mais precisas e a propor formas de cuidado sem reduzir experiências infantis diversas a uma única trajetória.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Vanilla Oliveira et al. Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas. **Revista Bioética,** Brasília, v. 30, n. 1, p. 63-71, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422022301507PT.

BOWLBY, John. *Apego e perda: perda, tristeza e depressão.* v. 3. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19.* 13. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/13a-edicao-pno-23-05-2022-1.pdf. Acesso em: 2 nov. 2026.

CAMARGO, Ana Paula; FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi. A vivência cotidiana das crianças durante a pandemia da Covid-19. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional,** v. 31, e3581, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO27135811.

CAMPANA, Nathalia Teixeira Caldas; CASELLA, Caio Borba. Experiência com crianças e adolescentes na pandemia: alcances e limites da família, escola e clínica. **Estilos da Clínica,** v. 26, n. 2, p. 204-218, 2021. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i2p204-218.

CAMPOS, Fabyolla Perissé et al. Os impactos da pandemia para a elaboração do luto infantil: uma revisão de literatura. **Vínculo,** v. 20, n. 1, p. 66-72, 2023. DOI: https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v20n1a8.

EVANGELISTA, Cleysla Kauane Gonçalves Costa; MELO, Ramirez Favaro de; GRIGOLETO NETTO, Jose Valdeci. Impactos no desenvolvimento psicológico de crianças órfãs pela covid-19. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos,** v. 9, n. 20, e092857, 2026. DOI: https://doi.org/10.55892/jrg.v9i20.2857.

FRANCO, Maria Helena Pereira. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno.* São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia (Campinas),** v. 24, n. 4, p. 503-511, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia.* In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. (Obras completas, v. 12). Texto originalmente publicado em 1917.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO ALANA. *Dossiê infâncias e COVID-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes.* São Paulo: Instituto Alana, 2022.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer.* São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Obra original publicada em 1969).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIAGET, Jean. *Epistemologia genética.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

QUEIROZ, Christina. Desamparo disseminado. **Pesquisa FAPESP,** São Paulo, n. 307, set. 2021. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/desamparo-disseminado/. Acesso em: 2 nov. 2026.

SCHMIDT, Beatriz et al. Perda de figuras parentais por crianças e adolescentes na pandemia de COVID-19: implicações desenvolvimentais e contribuições à prática sistêmica. **Pensando Famílias,** v. 27, n. 2, 2023. Disponível em:

https://pensandofamilias.domusterapia.com.br/index.php/files/article/view/134. Acesso em: 2 nov. 2026.

SOLA, Pamela Perina Braz et al. Luto familiar durante a pandemia da COVID-19: uma metassíntese de estudos qualitativos. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 39, n. 2, e00058022, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311XEN058022.

WORDEN, J. William. *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. 5. ed. New York: Springer, 2018.